



## A mulher sertaneja e o alto sertão sergipano: o uso da história oral no ensino de história

### The country woman and the sergipano high hinterland: the use of oral history in history teaching

Emanuelle Socorro Goes de Macedo<sup>(1)</sup>; Erica Andrade de Jesus<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Professora de história da educação básica, graduada em História- Licenciatura pela Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL. Especialista em metodologia do Ensino de História- Especialização pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa, FERA. Mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe, UFS. Arapiraca- AL, E-mail: goesemanuelle7@gmail.com

<sup>(2)</sup>Professora da educação básica, graduada em História- Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, UFS. Mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe, UFS. São Cristóvão - SE, E-mail: herykah\_andrade@yahoo.com.br

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

**RESUMO:** Este trabalho objetiva relatar a nossa experiência com História Oral, desenvolvida na disciplina Tópico Especial em Ensino de História do programa de Mestrado Prof.História da UFS. Tal experiência teve como ponto culminante uma pesquisa praticada no Assentamento Florestan Fernandes, localizado em Canindé de São Francisco-SE, para tanto fizemos uso da Metodologia da História Oral, a qual oferece inúmeras possibilidades, dentre elas a de dar voz aos “pequenos homens”, de forma que a partir das suas experiências e visões de mundo, possamos ter uma compreensão extraoficial sobre os mais variados eventos. Vale aqui destacar a importância da nossa entrevistada, a senhora Maria de Lourdes, cujo rico testemunho muito contribuiu para a elucidação de questões diversas. Vale destacar que o artigo teve como conceitos norteadores a já mencionada História Oral, bem como Memória, Identidade social e Lugares de Memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória e Identidade. Entrevistas. Assentamento.

**ABSTRACT:** This work aims to report our experience with Oral History, developed in the Special Topic Course in History Teaching of the Master's program Prof.História at UFS. This experience had as its culminating point a research practiced in the Florestan Fernandes Settlement, located in Canindé de São Francisco-SE, for that purpose we made use of the Oral History Methodology, which offers innumerable possibilities, among them the one of giving voice to “little men”, so that from their experiences and worldviews, we can have an unofficial understanding of the most varied events. It is worth highlighting the importance of our interviewee, Mrs. Maria de Lourdes, whose rich testimony contributed a lot to the elucidation of different issues. It is worth noting that the article had as its guiding concepts the aforementioned Oral History, as well as Memory, Social Identity and Places of Memory.

**KEYWORDS:** Memory and Identity. Interviews. Settlement.

## INTRODUÇÃO

A história assim como os outros campos do saber enfrenta grandes desafios ao longo de sua trajetória. No mundo contemporâneo, torna-se ainda mais complicada a tarefa de preservar e narrar o passado, pois, dentre outros fatores, a profusão de informações de maneira incessante e incontrolável, bem como a sua volatilidade diante das mídias sociais torna o trabalho do historiador importante, porém de difícil execução. Enquanto disciplina escolar, a história enfrenta da mesma forma as dificuldades de se adequar aos novos tempos em que qualquer informação está à distância de um “*clac*” e que, portanto, a figura do professor e dos materiais didáticos tradicionais passa a disputar espaço com a tecnologia da informação.

No Brasil, os profissionais da educação básica também enfrentam diariamente inúmeros desafios no exercício da sua profissão, ainda assim, muitos buscam formas de melhorar o seu desempenho profissional e o rendimento do alunato. Uma das principais iniciativas que podem ser verificadas neste sentido é, indubitavelmente, a busca pela formação continuada. A formação voltada para a titulação de docentes busca atuar nesta perspectiva, ou seja, fornece subsídios para que professores que atuam profissionalmente possam associar o seu cotidiano de trabalho à volta a sala de aula como forma de ressignificar a sua prática docente. (SOUTO, 2015, p. 17).

Para atender a estas e tantas outras demandas a produção historiográfica e, sobretudo a que é voltada para o ensino de história tem passado por mudanças, tem procurado na essência, na proximidade com as vivências cotidianas dos professores e alunos, respostas para este mundo ao mesmo tempo caótico, no que tange a quantidade de informações, mas que ao mesmo tempo mantêm concepções profundamente arraigadas, carregadas de estereótipos e preconceitos. Cabe também à história quebrá-los, reverter e revolver concepções equivocadas, dar vez e voz a pessoas escamoteadas, marginalizadas, esquecidas por muito tempo, mas que tem despertado interesse dos trabalhos historiográficos, inclusive dos que são voltados para o ensino de história. É em meio ao caos, à fugacidade das relações e informações que, curiosamente, as origens dos povos e a noção de identidade e pertencimento passam a fazer sentido, como se representassem um porto-seguro em meio a um mar revolto.

Neste contexto, um novo olhar é lançado para o Sertão nordestino, lugar que durante os séculos da história do Brasil enfrenta dificuldades de ordem natural, e que há

muito vem sendo negligenciado pelo poder público. Ao passo que uma figura de importância fundamental tem sua história resgatada e valorizada, a mulher sertaneja, em sua multiplicidade de significados surge como parte indispensável para a compreensão do que é o Sertão nordestino. Este trabalho fez uso da história oral como ferramenta para garimpar as teias da memória de uma mulher sertaneja e sua trajetória de vida e resistência no alto Sertão de Sergipe, demonstrando que é possível fazer novos usos da história, mudando de perspectiva, trazendo-a para perto, falando do que está tão próximo, mas que não raramente é ignorado e visto com olhos de depreciação. Desta forma, este trabalho pretende demonstrar a possibilidade de trabalhar com a história oral no ensino de história, por compreendermos que existem lacunas na produção historiográfica, em especial a que é voltada para ser utilizada na educação básica, que devem ser preenchidas para que a educação histórica possa atender às mais diversas demandas, sendo possível, inclusive, através das entrevistas, transcrição e construção do relato historiográfico reconstituir as histórias pessoais e dos mais diversos lugares.

## O SERTÃO E SEUS ESTEREÓTIPOS

Sertão, região que há um longo tempo é perseguida, desvalorizada, por vezes, sinônimo de miséria e pobreza. Esta traz em si uma discussão singular, quanto à sua existência. Pois um fenômeno natural como a seca tornou-se objeto de lucro e propaganda para políticos e empresários que fazem da miséria de uma região negócio, que não objetivam sanar o problema, mas protelá-lo e torná-lo pauta recorrente e lucrativa. No meio deste grande negócio de miséria e dor existe um povo resistente, que luta e faz-se caatinga de maneira simbiótica. Pois é na relação homem /natureza, que o sertanejo se cria.

O sol escaldante, o chão de terra batida, a vegetação de cactáceas, as grandes estiagens, a morte de animais, a fome e o homem sertanejo. São estes elementos que compõe o imaginário coletivo, de maneira pejorativa. A literatura por um bom tempo foi responsável por construir esse olhar limitado do Sertão, mas foi graças às mídias sociais que a imagem de pobreza, miséria e dor ganhou o mundo, limitando uma região a uma perspectiva unilateral. Ao contrário do que se pode pensar, essa visão de região pobre e ruim não é algo recente, ainda no período da colonização a região sertaneja era vista

como território inóspito, habitada por pessoas de baixa renda, enquanto o litoral era visto como região “nobre”.

Desde os tempos coloniais, a categoria “Sertão” era utilizada para classificar as regiões não litorâneas, referindo-se a áreas escassamente povoadas e que tinham como vocação econômica a agropecuária. Em parte da produção historiográfica esse termo/categoria aparece para informar uma realidade oposta àquela vivida nas regiões litorâneas do Brasil. Ou seja, nota-se um discurso que, na maioria das vezes, informa um modo de vida diferente daquele construído em regiões centrais do Brasil. O que se percebe é uma oposição, muitas vezes reforçada pela historiografia, entre “litoral civilizado” e “Sertão bárbaro”, culminando no isolamento e decadência das regiões afastadas dos grandes centros do Brasil. (MELO, 2016, p. 26) apud. Jesus (2006, p. 255).

Precisamos entender que o fenômeno da seca é decorrente de um processo histórico, e está para além de um fenômeno climático. Assim, foi dentro de uma conjuntura político-social que a seca foi sendo associada a uma região e seu povo. O Brasil colonial por muito ficou restrito a área litorânea, no entanto, foi por meio da necessidade de povoar o território e captar novos recursos que as bandeiras surgiram. Os bandeirantes tinham a missão de encontrar metais preciosos e povoar o novo território português. Mas, a ausência desses metais os levou a outra forma de exploração, o aprisionamento dos povos originários, que foram usados no cultivo das lavouras de cana e na criação de gado. E foi graças ao gado que o Sertão começou a ser desenhado, a sua criação levou à fixação de um povo e a instalação de uma nova atividade econômica.

Em torno de rios, os currais de gado foram ganhando grandes proporções. Do gado tudo se aproveitava, da carne ao couro. O gado forneceu ao sertanejo o sustento diário e a matéria prima para fabricação de roupas e acessórios. No entanto, a deficiência de outros insumos alimentícios e as secas sazonais, foram responsáveis pela evasão de alguns que ali residiam. “Por volta do século XVII, os primeiros ocupantes do Sertão que não eram os donos das sesmarias passaram uma vida bastante regrada, carne e leite não lhes faltavam, mas os demais víveres eram escassos”. (MELO, 2016, p. 17).

O povoamento do Sertão nordestino efetiva-se de fato no XVIII, com uma nova atividade, o plantio do algodão. Este perdurara durante um curto período de relevância para região, embora tenha sido uma atividade rendável tanto para o pequeno, quanto para o grande produtor, sendo cultivado para exportação e consumo interno. Paralelo a

isso, a agricultura de subsistência possibilitou o firmamento deste povo e uma melhoria na alimentação.

O século XIX é marcado por grandes mudanças, e é impactado por movimentos populares e revoluções culturais e artísticas. Grandes literários brasileiros surgem e trazem à tona a realidade do povo, é também neste século que grandes secas ocorrem no Nordeste, e são representadas por meio da arte. A literatura torna-se fonte história, e leva para a posteridade os ocorridos de um tempo. Eis aí que a seca se torna um problema e ao mesmo tempo um negócio. O recorrente debate sobre a problemática da seca no Sertão ganha os espaços de poder, e ao passo em que alguns procuram soluções, espalha-se o discurso de região fadada a miséria e pobreza.

É como se o clima semiárido do Sertão, caracterizado pela irregularidade pluviométrica, cumprisse a dual antagônica função: colorir de verde e vida as paisagens sertanejas; depois, cumpre sua impiedosa incumbência de tingir apenas de verde a esperança do sertanejo, essa parece não secar, diferente da terra onde pisa. Essa construção que homens e mulheres se reconhecem e são reconhecidos como um povo sofrido pelas condições adversas, não está presente apenas no imaginário popular, mas no discurso das elites políticas locais. Que de alguma maneira, reforça no imaginário popular através de seu discurso dominante a naturalidade não só dos fenômenos naturais como também, associa a estes a condição de miséria do povo. (MELO, 2016; p. 27).

A condenação do Sertão por figuras públicas e seus discursos de ausência de soluções para a seca fizeram desta região zona de evasão, aumentando assim os índices de migrantes. Já no século XX, no governo de Getúlio Vargas houve outro grande período de estiagem (1932 – 1942), e foi nesta época que as migrações aumentaram. Os retirantes saíam de suas casas em busca de “uma vida melhor” fora do Sertão. Essa realidade desencadeou uma perseguição e aversão dos sulistas ao povo nordestino, sendo por vezes estereotipados como mão de obra barata, verdadeiros peões sem instrução. Firmando assim um discurso de ódio e preconceito que continua a ser exaltado até o tempo presente, em pleno século XXI. Século este que também não está isento de períodos de estiagem (seca). Isso fica claro no relato de nossa entrevistada Maria J.:

A gente peguemos o inverno aqui, nos prantemo, nos culhia, Ave Maria, foi bom, foi bom! Logo no começo quando nos peguemos aqui. Mais dois mil e seis pra cá, aí (pausa). Cabou a chuva, a chuvinha vem poquinho, a gente pranta, nasce, mais não colhe. Porque não cresce, e porque não dá! Aí pronto, mai, ante, até dois mil e seis, até dois mil e seis, nos tivemo inverno. Nos, teve, teve um ano ou dois, agente, mas nos tivemo ainda, poquinho mais nos tivemo ainda. Agora lá pra cá, agente! (pausa). (MARIA; 2019).

O relato acima é da moradora do Assentamento Florestan Fernandes, no semiárido<sup>1</sup> sergipano. Tais palavras denunciam a dor da mulher sertaneja ao deparar-se com a seca, a ausência de água impossibilita a relação com a terra, afinal sem água não há plantação, sem água o gado morre e o sertanejo padece diante da dor e do desespero. As políticas públicas se resumem ao fornecimento esporádico de carros pipas, estimulando a comercialização da água, fazendo desta um artigo de luxo, deixando o povo dependente de tais esmolas. Essa relação de dependência fica clara com a afirmativa de Maria (2019), “Os carros de água sempre tinha, a defesa civil, sei lá como é que chama, sempre tinha, a prefeitura, sempre dava os caminhão pipa, sempre butava”.

É parafraseando Euclides da Cunha em *Os Sertões*, que reafirmamos “o sertanejo é antes de tudo um forte” e a mulher sertaneja é acima de tudo resiliente. Pois, diante das intempéries da vida, esta sempre se refaz e resiste. A seguir faremos uma breve abordagem sobre Canindé de São Francisco - SE e nossa vivência no Assentamento Florestan Fernandes.

## NAS TEIAS DA MEMÓRIA: A HISTÓRIA DO LUGAR É A HISTÓRIA DE SEU POVO

Como já foi relatado, o processo de interiorização e conquista do Sertão nordestino ocorreu por meio das bandeiras, cujas principais partiram de Salvador e Olinda. Assim, por um longo tempo o atual território sergipano esteve sob o domínio da Bahia. Cristóvão de Barros que em 1590 esteve à frente da conquista das *novas terras* apossou-se das mesmas e em seguida as dividiu entre Antônio Cardoso de Barros, Duarte Muniz Barreto, Jorge Barreto de Melo e Belchior Dias. Tal processo objetivava a apreensão de nativos para o cultivo das lavouras de cana-de-açúcar da Bahia.

Em 1629, a região que hoje corresponde ao município de Canindé de São Francisco foi adentrada por meio do rio Curituba, o processo de bandeirantismo continuava ativo e em busca de novas terras e vítimas para exploração. Cabe salientar

---

<sup>1</sup>De acordo com dados do UNICEF, os municípios que compõem o semiárido sergipano são: Aquidabã, Areia Branca, Campo do Brito, Canhoba, Canindé do São Francisco, Carira, Cedro de São João, Cumbe, Feira Nova, Frei Paulo, Gararu, Graccho Cardoso, Itabaiana, Itabi, Lagarto, Macambira, Moita Bonita, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora de Lourdes, Pedra Mole, Pinhão, Poço Redondo, Poço Verde, Porto da Folha, Propriá, Riachão do Dantas, Ribeirópolis, São Domingos, São Miguel do Aleixo, Simão Dias, Telha e Tobias Barreto.

que a região até então pertencia a Porto da Folha e tinha apenas quatro fazendas. Ao deparar-se com as terras e com a grandeza do rio que as banhava o Coronel Chico Porfírio propôs comprá-las, conseguindo assim obter o território até então pertencente a Luiz da Silva Tavares. Fazendo uso do rio, o coronel Porfírio começou sua criação de gado, construindo assim um curtume no local, tal empreendimento possibilitou a povoação da região.

O território foi crescendo e no século XIX a região foi elevada à categoria de sede do Distrito da Paz. No século XX, sob o decreto-lei de nº 525, de 1953 o povoado foi elevado à categoria de cidade e recebeu a denominação de Curituba.

Canindé fazia parte da sesmaria de 30 léguas de terras, concedidas aos Burgos família da Bahia chefiada pelo desembargador Cristóvão Burgos e Contreiras - que lhes foi doada em 1629 pelo governador de Pernambuco, D. João de Souza. Essas mesmas terras pertenceram depois ao Morgado de Porto da Folha, instituído por Antônio Gomes Ferrão Castelo Branco. Conforme registro na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, nos tempos do Brasil Colonial o território de Canindé foi devassado pela cobiça das bandeiras. Mas, por causa da seca que sempre castigou toda a região sertaneja, os primeiros desbravadores acabaram perdendo o interesse pelas terras, apesar da grandeza do Rio São Francisco. (IBGE; 2020).

Mesmo com a retirada dos “*donos da terra*”, a região sertaneja continuou a crescer e seu povo foi dando identidade a este lugar. Em 1958, sob o decreto-lei de nº 890, Curituba deixa de existir e torna-se Canindé de São Francisco. Nome de origem indígena que traz a natureza em sua essência, Canindé é pássaro, mas também é rio. Canindé é seca, mas também é água. Canindé é vida, Canindé é Sertão. Mas o que é o Sertão? Para dona Maria J. o Sertão é o seu mundo, é sua vida. “A minha vida... a minha vida. Aqui eu nasci e me criei e hoje eu vivo no Sertão, eu amo o Sertão, eu amo, interior eu amo, não gosto de rua, eu gosto do interior. A minha vida! (Maria; 2019).

É com esta fala que daremos início a viagem ao Assentamento Florestan Fernandes. O mesmo está localizado no município de Canindé de São Francisco, alto Sertão do Estado de Sergipe, distante 195 quilômetros da capital, Aracaju. Muitos dos que vivem naquela localidade não se encontravam na comunidade na ocasião da execução deste trabalho, em virtude da impossibilidade de trabalhar na lavoura, devido às condições climáticas adversas do período do ano marcado pela estiagem. Durante os meses mais secos, alguns dos moradores, costumeiramente saem para procurar trabalho temporário em outros lugares do estado ou do país, abandonando parte dos seus

familiares e as suas casas, em busca da sobrevivência, demonstrando a ausência de trabalho no local, a migração surge então como solução para o sustento familiar.

A chegada ao assentamento do grupo de estudantes da disciplina Tópico Especial em Ensino de História I, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe foi marcada pelas expectativas de quem, na maioria dos casos, somente havia ouvido falar da vida no semiárido, ou mesmo só tinha tido contato com esta realidade através das mídias sociais. Desta feita, conhecer formas de vida tão diferentes e distantes do seu cotidiano, foi uma novidade para a maior parte dos alunos. Todos os mestrandos envolvidos na pesquisa de campo são professores de história da educação básica das redes pública e/ou particular dos estados de Alagoas, Bahia e Sergipe.

Em poucos instantes de contato, através das entrevistas, foi possível compreender um pouco a maneira como vivem àquelas pessoas. Tornou-se possível entender, por exemplo, diversas questões ligadas ao cotidiano, ao trabalho, às práticas de lazer, a relação com o semiárido, a noção de pertencimento e identificação com o lugar. Porém, ficou evidente a impossibilidade de dimensionar de maneira aprofundada aspectos do dia a dia dos assentados e demais entrevistados em um trabalho acadêmico de curta duração. Para realizar uma pesquisa de campo desta natureza de maneira exitosa, é necessário se despir de preconceitos para compreender ao máximo as experiências vivenciadas pelos entrevistados, primando por se distanciar de concepções prévias, porque,

Durante a aula de campo, discutimos e aprendemos a valorizar a vivência destes sujeitos, e mesmo que fôssemos detentores de um conhecimento acadêmico, durante a aula de campo percebemos que ninguém mais do que eles têm um conhecimento verdadeiro sobre a realidade, nos mostrando que devemos estar sempre abertos a novas experiências. (BARBOSA, ROCHA e ALENCAR, 2016, p. 3).

Assim, é sob o olhar dessa mulher guerreira e apaixonada pelo Sertão, D. Maria J., que nos debruçaremos a entender que o sertanejo, em especial a mulher sertaneja é muito mais que um estereótipo. Fazendo uso da história oral enquanto método, por meio da visitação ao assentamento e da entrevista realizada, revelaremos um mundo que poucos conhecem de fato.

---

## MULHER SERTANEJA, DONA DE MUITAS FACETAS!

A história das mulheres é marcada por lutas e dificuldades ante as sociedades em que viveram ao longo do tempo e nas mais diferentes espacialidades. No Brasil e, sobretudo, na região Nordeste - fundamentada em um forte patriarcalismo, marcada por dificuldades econômicas e adversidades climáticas, somadas à falta ou insuficiência de políticas públicas capazes de minimizar ou sanar tais problemas - ser mulher se torna algo ainda mais complicado, pois, além de ter que batalhar arduamente pelo sustento da família, precisa lutar contra os preconceitos de uma sociedade patriarcal e, em alguns casos, misógina.

Desta forma, dar voz às mulheres que vivem em diferentes localidades, enfrentam trajetórias de vida singulares e possuem as mais diferentes demandas é uma oportunidade para subverter esta lógica discriminatória e demonstrar que é possível contar a história das mulheres em suas realidades diversas, partindo de outros pressupostos, contribuindo para dar visibilidade a estas que, durante séculos tiveram cerceados os seus direitos e caladas as suas vozes.

IncurSIONAR pelas veredas da memória de D. Maria J. com 53 anos de idade, dona de casa, agricultora, artesã, mãe e esposa, sem dúvida foi uma experiência singular. Em uma conversa repleta de lembranças, emoções e informações que contou um pouco do que é ser mulher e sertaneja, pudemos perceber como a sua existência revela sua força e resiliência. Em meio às lembranças mais diversas, a entrevistada rememorou alguns dos momentos mais marcantes de sua vida, com ênfase para os seguintes temas: a paixão pelo lugar em que vive e pelo artesanato, atividade que além de passatempo, ajuda a gerar uma renda extra, a fraternidade da vida no assentamento e as lembranças dos anos escolares, que embora tenham durado pouco, foram marcantes para a sua trajetória. “Foi quando eu vim pa escola, quando eu entrei na escola, foi uns 13 a 14 anos que eu vim aprender a fazer meu nome (pausa). Ave Maria! Eu amava!”. (MARIA, 2019).

Embora nos primeiros instantes do relato a entrevistada demonstrasse certa timidez e tenha respondido a algumas das perguntas com poucas palavras, com o desenrolar da conversa, as memórias começaram a fluir com uma maior naturalidade, permitindo que ela demonstrasse confiança em narrar os fatos pregressos, como se estivesse em uma simples conversa.

Um dos temas que predominaram no relato da entrevistada foram as questões ligadas ao trabalho e às ocupações, em geral. Questionada sobre o trabalho no campo e sobre a existência de diferenças laborais entre homens e mulheres, a D. Maria J. respondeu de forma taxativa, “Não! Aqui acho que não tem isso não. Que eu saiba não, porque aqui, trabalha homem, trabalha mulher, é tudo igual”. De acordo com a fala da entrevistada, ao menos com relação ao desempenho das atividades agropastoris no assentamento em que vive, não há distinções entre o trabalho realizado por homens e mulheres, muito embora, estas últimas sejam responsáveis também pelo desempenho das atividades domésticas.

No Sertão, as questões sociais e econômicas estão interligadas e são fundamentais para compreender as formas de vida que ali se desenvolvem, bem como as relações entre as pessoas e destas com o lugar em que vivem. Neste ambiente, a sobrevivência é um fator imperativo e que move grande parte das ações diante da vida. As pessoas vivem em profunda relação de respeito e dependência com a natureza e com o trabalho, pois é deles, que retiram o seu sustento. Sobre o seu dia a dia e como faz para gerar o sustento da família a nossa entrevistada relata,

Meu dia a dia aqui é trabalhar, é pra roça, é pra casa, fazer um ‘artesanatinho’ que eu faço e assim vou levando. Atividade aqui, é você ter uma vaquinha. Você vai pos lote, você vai por aí, pras caatinga tirar mandacaru pa dá os bichinho. E a gente, eu tenho minha pensão né?! E a gente, tá vivendo da minha pensão. Aí eu vivo mais da minha pensão.

O trabalho dita grande parte do ritmo da vida no Sertão. O dia a dia, as relações e o sustento são profundamente marcados pela influência do trabalho na vida das pessoas. Isto pode ser verificado através de um trecho da entrevista, nele pode-se notar que até mesmo nas horas vagas, Maria J. encontra um ponto de fuga em uma atividade que, embora seja prazerosa tanto para ela como para muitas outras pessoas é uma forma de trabalho. Questionada sobre o que faz em suas horas vagas, ela responde sem titubear, “Artesanato!”. Grande entusiasmo toma conta da D. Maria J., quando fala sobre esta que é a sua atividade predileta e como organiza o seu tempo para que sempre possa a ela se dedicar:

À noite eu (...) faço a janta, sim, depois da janta, janto. Quando termina a janta, aí eu vou fazer artesanato, vou fazer bolsas. Eu faço, eu faço essas bolsas, que, antes de eu fazer, que tudo eu futuco um pouquinho, eu bordava, sim, bordava,

fiz ponto de cruz, desde pequenininha, fiz crochê, aí, fui ficando, fui esquecendo, deixando pra lá, né? Adoei também, tive (...), aí agora eu voltei.

Embora seja evidente que a nossa entrevistada aprecie bastante o trabalho com o artesanato, a atividade assumiu um significado ainda maior na sua vida e da sua família, pois, passou a servir também para complementar a renda da família que se baseia fortemente na pensão que recebe do governo. “É, é! Ai nos veve da pensão. Eu sou viúva e ele é viúvo”. Inicialmente, a dona de casa fazia as suas peças para uso próprio ou para presentear a sua filha, porém, com o tempo passou a comercializá-las:

Não! Eu nunca, eu nunca vendi! Não! Eu fazia artesanato pra mim, tá entendendo? Pra mim, pro meu uso, pra mim, eu fazia, não fazia pra vender. Eu fazia assim, pra mim, pra minha filha. É, um passatempo, era.

Questionada sobre o aproveitamento financeiro das peças que ela confecciona, ou seja, sobre o momento em que as suas peças passaram a ser comercializadas, ela responde:

...eu vim passar a vender, depois das meninas, depois desse projeto aqui, né? Que as meninas viu, aí disse: 'mulher você tá fazendo isso? Você vende?' Eu disse: eu não, eu nunca fiz pra vender! Eu não sabia, aí foi elas que me (...) que eu tava inventando uma, pra mim, elas deram fé, disse assim: 'Não! Você tem que fazer pra vender, você vai parar tudo e vai fazer só isso aqui.

Ao analisar esses trechos da entrevista, é possível compreender a importância e complexidade de sentidos que as mulheres representam no contexto socioeconômico em que estão inseridas neste caso, o Sertão nordestino, lugar estigmatizado, produtor de imagens e significados, exaustivamente cantado e contado em prosa e verso. Pode-se compreender, sobretudo, a indispensabilidade da figura feminina neste lugar, sendo impossível negar sua importância, silenciar sua voz e escamotear sua existência. Relatos como o que foi colhido por este trabalho, podem inclusive ser utilizados durante as aulas de história, pois tratam de uma realidade próxima, presente no imaginário dos alunos e professores, capaz de tornar significativo o estudo desta disciplina.

---

## A HISTÓRIA ORAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

O uso da metodologia da história oral promove respostas a questões historiográficas específicas que dificilmente seriam encontradas em outras fontes de pesquisa. Aspectos da vida sertaneja, do povo simples, da vida cotidiana, feminina, íntima, doméstica, escolar, enfim; há uma infinidade de detalhes que podem ser apreendidos através das entrevistas.

Neste trabalho, a história oral foi de importância fundamental porque possibilitou adentrar em questões particulares, justamente as que se pretendia encontrar e compreender. Somente através dos relatos memorados por quem os vivenciou é que se pode reconstituir um passado que, se não fosse recuperado, dentro em breve seria facilmente esquecido. Mas a grande questão que aqui se levanta é a seguinte: a quem interessaria um estudo desta natureza? A quem de fato importa saber sobre o cotidiano de uma mulher simples, dona de casa e mãe do alto Sertão sergipano?

Tais questões podem ser respondidas de maneiras bem diferentes, porque, assim como a produção historiográfica é bastante diversificada, o seu consumo também o é. No caso dos trabalhos realizados no assentamento Florestan Fernandes, como todos os entrevistadores são professores de história da educação básica, as entrevistas, ainda que com temas diferentes, versaram sobre aspectos que, de alguma forma, pudessem ser posteriormente utilizados no ensino de história. Foi uma experiência prática de trabalho com a história oral.

O uso desta metodologia no ensino de história, tanto pode ser um fim, ou seja, os relatos já transcritos podem ser utilizados para a interpretação dos alunos em sala de aula com a ajuda do professor, quanto pode ser um meio para produzir fontes históricas, ou seja, os alunos com a coordenação do professor se tornam protagonistas na produção das entrevistas, como entrevistadores ou entrevistados. Esta percepção se coaduna com a ideia de que a educação histórica vai muito além das formalidades e dos muros escolares, porque:

...o que o professor ensina ou deixa de ensinar, o que o aluno aprende ou deixa de aprender, transcendem os limites das propostas curriculares, dos materiais didáticos que são elaborados a partir das diretrizes legais, demandas e critérios localizados fora da escola: órgãos do Estado, universidades, editoras e meios de comunicação. (FONSECA, 2006, p. 131).

Partindo do pressuposto do ensino de história vivo e ativo e que dialogue com a vida cotidiana dos alunos e professores, a história oral é produtora de significados, uma forma proveitosa de fazer com que os entes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da história entrem em contato direto com o seu fazer, de forma que esta faça sentido e que, não somente sirva para apresentar fatos e personagens históricos sem relação de pertinência com a realidade dos alunos e professores.

A história oral, assim como a história local e a memória, busca, responder a demandas específicas do ensino de história então,

a escolha pelo trabalho com a história oral é entendida a partir do momento em que o professor pesquisador juntamente com seus alunos percebe a riqueza de informações que podem ser coletadas a partir de experiências de vida de um indivíduo ou de uma coletividade. (FRANCO, 2014 p. 5).

O processo de produção da história oral, embora complexo, é algo realizável na educação básica, sobretudo atualmente, quando o acesso aos *smartphones* mesmo em comunidades economicamente vulneráveis é considerável e facilita as gravações, não somente sonoras, como imagéticas.

Um trabalho de coleta de entrevistas por alunos sob a orientação dos professores os faz entrar em contato com a história local e os ensina a produzir fontes históricas para si ou para que outras pessoas possam utilizar posteriormente. A capacidade de produzir fontes para construir a narrativa histórica abre um leque de possibilidades para o trabalho em sala de aula ou onde quer que seja, por fornecer uma produção documental específica e não um manual didático padronizado, com conteúdos comuns.

Reconhecida a importância de um programa do porte do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) para a educação brasileira, é válido salientar que devido a sua própria natureza, ele é incapaz de dar conta das mais variadas respostas das quais a aprendizagem histórica depende. Somente os pesquisadores locais, ou o professor-pesquisador sozinho ou na companhia de seus pares e alunos pode produzir respostas históricas específicas, localizadas, além disso, o livro didático deve ser apenas um dos materiais utilizados em sala de aula e não a única fonte de informações a ser consultada por professores e alunos.

Um bom exemplo de como o professor-pesquisador e os seus alunos podem realizar uma interferência historiográfica, por meio da história oral pode ser verificado por meio do trabalho realizado pela professora Ana Lígia Rodrigues de Farias. A autora

realizou entrevistas com os seus alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oviêdo Teixeira, na periferia da cidade de Aracaju, Estado de Sergipe. Seis dos seus alunos do segmento noturno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) relataram em entrevistas as suas experiências de vida, que serviram de subsídio para elaborar um material didático com propostas de atividades escolares para esta modalidade de ensino. (FARIAS, 2018, p. 16). A iniciativa exposta anteriormente demonstra a possibilidade de produzir e utilizar a história oral nas aulas de história da educação básica, sendo apenas um exemplo em meio a outros que já foram realizados com sucesso neste sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a história do Sertão percebemos uma construção historiográfica unilateral e errônea, onde o mesmo é tido como lugar atrasado, ruim e detentor de um povo bárbaro e sofredor. Tal pensamento foi construído ainda no Brasil Colônia, quando o litoral representava o *avanço* e o interior, denominado Sertão, o *retrocesso*. Essa visão foi sendo perpetuada ao longo dos séculos e graças ao fenômeno das secas sazonais, específico da região, cristalizou a ideia de problema sem solução. Consequentemente, relegou ao desprezo um povo que necessita de políticas públicas para garantir-lhes um bem essencial à vida, a água.

O mercado da seca fez e faz reféns, ano a ano. O homem sertanejo é obrigado a comprar água para existir, viabilizando, a contratação de caminhões- pipa e as eternas parcerias com as prefeituras. Neste texto percebemos como a mulher sertaneja resiste diante deste cenário caótico, e como esta luta pela vida é algo recorrente. É por meio do trabalho que estas mulheres se fazem. O bioma e o ser tornam-se um, a relação simbiótica com a caatinga efetiva a sobrevivência de ambos. A natureza, com sua vegetação e seus ciclos de estiagem não são vilões, a relação histórico-político-social de existência do povo sertanejo o é.

Ao analisar a possibilidade do uso da história oral no ensino de história, entendemos que a aprendizagem desta disciplina deve se dar utilizando muito mais que o livro didático, pois a história somos nós. E por assim ser, as histórias de vida não devem estar distantes da historiografia “oficial”, e a história oral possibilita dar visibilidade e legitimidade a história de homens e mulheres que há muito foram renegados

historiograficamente, mas que ao ter resgatado o seu passado ajudam a cumprir um importante papel social. Ao dar voz a D. Maria J. pudemos compreender como uma mulher sertaneja vê o Sertão e como a história de vida desta mulher se relaciona com as vivências de outras mulheres. Por fim, histórias como a de D. Maria J., são importantes para a aprendizagem da história pois, nos possibilitam também abordar durante as aulas temas transversais como, os impactos da gravidez na adolescência, as relações de gênero, os ciclos da seca no Sertão, o processo de interiorização do Brasil, os meios de produção, entre tantos outros. Trabalhar com a história oral em sala de aula no ensino fundamental ou médio, embora seja uma tarefa trabalhosa e que exige um empenho extra tanto do professor quanto dos seus alunos para que busquem algo além do comum e que depende diretamente do empenho deles para a sua execução, não é algo impossível, mas sim importante para uma educação libertária.

## REFERÊNCIAS

1. BARBOSA, Jéssica M.; ROCHA, Marcos S.; e ALENCAR, Francisco A. G. O *Protagonismo Feminino no Sertão Contemporâneo: As transformações em Monsenhor Tabosa - CE a partir da liderança feminina*. Campina Grande: Realize, 2016, 11p. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO\\_EV064\\_MD1\\_SA13\\_ID595\\_24102016180242.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV064_MD1_SA13_ID595_24102016180242.pdf)
2. BONFIM, Luiz Fernando Costa. *Projeto Cadastro de Infraestrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe*. Diagnostico do município de Canindé do São Francisco. Aracaju; CPRM; 2002.
3. FARIAS, Ana Lígia Rodrigues de. *Rompendo o silêncio: histórias de vida no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos na EMEF Oviêdo Teixeira em Aracaju / Se*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.
4. FONSECA, Selva Guimarães. *História Local e Fontes Oraís: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*. História Oral (RJ), v. 9, p. 125-141, 2006. Disponível em: <http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?>

journal=rho&page=article&top=viewFile&path%5B%5D=197. Acesso em 31/08/19.

5. FRANCO, Bianca Liz Possebom; SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. *História oral e aprendizagem Histórica: uma experiência com a história das mulheres do bairro Jardim Cruzeiro. Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor*. PDE. Paraná, 2014.
6. IBGE. *Canindé do São Francisco Sergipe – SE*. Disponível em <<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/caninde-de-sao-francisco/historico>>> Acesso em: 12/01/2020.
7. MELO, Amanda Monteiro. *O Sertão e suas representações: construções imagéticas da seca*. UNEAL; Arapiraca – AL; 2016. (trabalho de conclusão de curso).
8. SANTOS, Adeli Figueiredo. *Nova Geografia de Sergipe*. Aracaju; Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer; Universidade Federal de Sergipe; 1998.
9. SOUTO, Paulo Heimar. *É como se tivesse a roça e faltasse a enxada. Formação em serviço de professores de história em áreas interioranas*. Macapá: Ed. UNIFAP, 2015.